ANO XXII | Dezembro de 1962. | N.º 12

É Pecado Transgredir as Leis da Saúde?

E. G. White

Devemos ter mais conhecimentos quanto à maneira de comer, beber e vestir para conservar a saúde. A enfermidade é causada pela violação das leis da saúde; é o resultado de violar as leis da natureza. Nosso primeiro dever para com Deus, com nós mesmos e o próximo, é obedecer às leis de Deus, que incluem as da saúde. Se estamos doentes, tornamo-nos uma pesada carga para nossos amigos e ficamos incapacitados de cumprir nossos deveres para com a família e a sociedade. Quando a morte prematura é o resultado da violação das leis da natureza, impomos tristeza e sofrimento sôbre os demais, privando-os da ajuda que lhes deveríamos ter prestado; roubamos à família o confôrto e auxílio que lhes poderíamos ter dado, e a Deus o serviço que Êle exige de nós para promover Sua glória. Então não somos, no pior sentido, transgressores da lei de Deus?

Deus é longânimo, cheio de graça e ternura, e quando os que têm prejudicado a saúde por práticas pecaminosas, se convencem do pecado, se arrependem e buscam perdão, Êle aceita a pobre oferta e os recebe. Oh! quão terna misericórdia a Sua de não recusar o resto da vida do pecador que sofre e se arrepende! Em Sua graça e misericórdia, salva a estas almas...

Observador da Verdade

Mensário

Boletim oficial da União Missionária dos A. S. D. - Movimento de Reforma - no Brasil, com sede à Rua Tobias Barreto, 809 — São Paulo — Brasil

ANO XXII, N.º 12, DEZEMBRO

— 1 9 6 2 —

Diretor: **André Lavrik**

Redator responsável:
Ascendino F. Braga

Escritório: Rua Tobias Barreto, 809
Tel 93-6452, S. Paulo.

Redação, Administração e Oficinas:

Rua Amaro B. Cavalcanti, 21,

Vila Matilde, S. Paulo

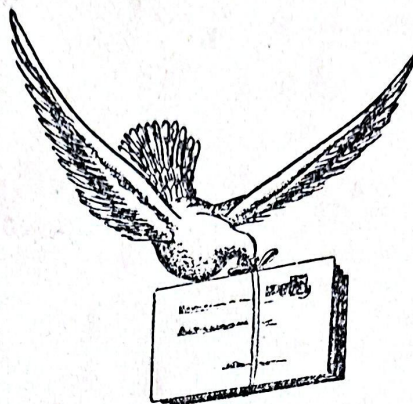
Correspondência à

Editôra Missionária "A Verdade Presente", Caixa Postal 10.007
— S. Paulo. —

SUMÁRIO

—//—

PENSAMENTO

"Não há funções nem seres inferiores; inferior é cumprir mal a sua missão"
— **Péguy**

ESCREVEM-NOS...

De Santo Anastácio, SP:

Srs. dirigentes desta Editôra

Peço-lhes enviar-me grátis as publicações que contêm as indispensáveis verdades referentes à vida eterna.

Ficar-lhes-ei muito grato e, dispondo-me a servi-los, subscrevo-me,

H. B. J.

De Goiania, Go:

À Editôra Missionária
"A Verdade Presente"

Prezado sr. Diretor:

Saudações

O fim desta é pedir folhetos grátis a esta Editôra.

Lendo o folheto intitulado "A Pergunta Mais Importante Jamais Feita", gostei muito e resolvi pedir mais alguns.

Se puderem mandar mais de um exemplar de cada número, acharei bom. Já sou crente, gosto de evangelizar e com folhetos posso fazer um bom trabalho.

Contando com a atenção de V. S. ao meu pedido, agradeço-lhe antecipadamente.

Sinceramente,

M. M.

COMO ENFRENTAR UM PONTO DOUTRINÁRIO CONTROVERTIDO

E. G. White

Necessitamos compreender o tempo em que estamos vivendo. Mas não compreendemos nem percebemos a metade do que deveríamos compreender ou perceber. Meu coração treme dentro de mim ao pensar: Que inimigo temos a enfrentar e quão deficientemente estamos preparados para enfrentá-lo! As provas dos filhos de Israel e a atitude por êles tomada antes da primeira vinda de Cristo, foram-me apresentadas repetidas vêzes para ilustrar a posição do povo de Deus em sua experiência antes da segunda vinda de Cristo. Como o inimigo procurou aproveitar-se de tôda oportunidade para dominar as mentes dos judeus assim êle procura hoje obcecar as mentes dos servos de Deus a fim de que não possam discernir a preciosa Verdade.

Quando Cristo veio ao nosso mundo, Satanás estava no terreno disputando cada polegada do Seu avanço desde a manjedoura até o Calvário. Satanás havia acusado a Deus de exigir abnegação aos anjos, sem que êle mesmo soubesse o que era isso ou quisesse fazer qualquer sacrifício em prol dos outros. Essa era a acusação que Satanás havia feito contra Deus no Céu, e, depois de o maligno ter sido expulso de lá, êle continuou a acusar o Senhor de exigir um serviço que êle mesmo não queria prestar. Cristo veio ao mundo para refutar essas falsas acusações e revelar o Pai. Não podemos ter uma idéia da humilhação que Êle sofreu ao tomar sôbre Si a nossa natureza. Não que o pertencer à raça humana fôsse em si mesmo uma desgraça, mas Êle era a Majestade do Céu, o Rei da Glória, e Êle Se humilhou a ponto de tornar-Se uma criança e sofrer as necessidades e os ais dos mortais. Ao humilhar-Se, Êle não desceu até a mais elevada posição (humana), para ser um homem de riquezas e poder, mas, se bem que era rico, tornou-Se pobre por nossa causa, para que, mediante a Sua pobreza, enriquecêssemos. Êle Se humilhou passo a passo. Foi perseguido de cidade em cidade, pois os homens não queriam receber a Luz do Mundo. Estavam bem satisfeitos com a sua posição.

Cristo tinha dado (aos homens) preciosas jóias da Verdade, mas os homens as tinham embrulhado com o refugo da superstição e do êrro. Confiara-lhes as palavras da vida, mas não viviam de tôda palavra que sai da bôca de Deus. Viu que o mundo não poderia achar a palavra de Deus, pois que a mesma se achava escondida sob as tradições dos homens. Veio para expor ao mundo o valor relativo que há entre o Céu e a Terra e colocar a verdade no devido lugar. Sòmente Jesus poderia revelar a Verdade que os homens necessitavam conhecer a fim de alcançarem a salvação. Sòmente Êle poderia colocá-la nos moldes da Verdade e era Sua tarefa libertá-la dos erros e expô-la diante dos homens em sua luz celestial.

Satanás se despertou para opor-se-Lhe, pois não tinha, desde a queda, feito todo esfôrço para converter a luz em trevas e as trevas em luz? Quando Cristo procurou colocar a Verdade diante do povo em sua devida relação para com a sua salvação, Satanás operou por intermédio dos dirigentes judeus, inspirando-lhes inimizade contra o Redentor do mundo. Decidiram fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para impedi-lO de causar impressão sôbre o povo.

Oh! como ardia o coração de Cristo e como Êle desejava abrir aos sacerdotes os maiores tesouros da Verdade! Mas as suas mentes tinham sido moldadas de uma maneira tal que era quase impossível re-

velar-lhes as verdades relacionadas com o Seu reino. As Escrituras não haviam sido interpretadas corretamente. Os judeus haviam aguardado o advento do Messias, pensando que Êle deveria vir em tôda a glória que O acompanhará na Sua segunda vinda. Como Êle não veio com tôda a majestade de rei, rejeitaram-nO completamente. Mas não O rejeitaram simplesmente por não ter vindo em esplendor. Rejeitaram-nO porque Êle era a personificação da pureza, e êles eram impuros. Êle, como homem de imaculada integridade, andou no mundo. Um caráter como o Seu, em meio à degradação e ao mal, não se harmonizava com o desejo dêles; por isso Êle sofreu abuso e desprêzo. Sua vida imaculada lançava luz sôbre os corações dos homens, descobrindo-lhes a iniqüidade no seu caráter odioso.

O Filho de Deus foi assaltado a cada passo pelos poderes das trevas. Após o Seu batismo, Êle foi levado pelo Espírito ao deserto e sofreu tentação durante quarenta dias. Chegaram às minhas mãos cartas afirmando que Cristo não poderia ter tido a mesma natureza que o homem, pois, se Êle a tivesse tido, teria caído sob semelhantes tentações. Mas se Êle não tivesse tido a natureza do homem, Êle não poderia ser nosso exemplo. Se Êle não tivesse sido participante da nossa natureza, Êle não poderia ter sido tentado como o homem o é. Se não Lhe tivesse sido possível ceder à tentação, Êle não poderia ser o nosso ajudador. É uma solene realidade que Cristo veio batalhar as batalhas como homem, em favor do homem. Sua tentação e vitória nos dizem que a humanidade deve imitar o Modêlo, tornando-se participante da natureza divina.

Em Cristo estavam combinadas a divindade e a humanidade. A divindade não se achava rebaixada à humanidade; a divindade mantinha o seu lugar, mas a humanidade, estando unida à divindade, resistiu à mais severa prova da tentação no deserto. O príncipe dêste mundo se aproximou de Cristo após o Seu longo jejum, quando Êle sentia fome, e sugeriu-Lhe que ordenasse às pedras que se transformassem em pães. Mas o plano de Deus, estabelecido para a salvação do homem, previa que Cristo devia conhecer a fome, a pobreza e cada aspecto da experiência do homem. Êle resistiu à tentação mediante o poder de que o homem pode dispor. Êle Se apegou ao trono de Deus, e não há homem ou mulher que não tenha acesso ao mesmo auxílio pela fé em Deus. O homem pode tornar-se participante da natureza divina. Não há alma viva que não possa evocar o auxílio do Céu na tentação e prova. Cristo veio para revelar a fonte do Seu poder, para que o homem jamais confie na sua capacidade humana não ajudada. Os que querem vencer devem empregar tôdas as faculdades do seu ser. Devem agonizar de joelhos diante de Deus, suplicando poder divino. Cristo veio para ser nosso exemplo e para revelar-nos que poderemos ser participantes da natureza divina. Como? Escapando das corrupções que há no mundo por meio da concupiscência.

Satanás não alcançou vitória sôbre Cristo. Êle não pôs o pé na alma do Redentor. Êle não tocou na cabeça, se bem ferisse o calcanhar. Cristo, por meio do Seu próprio exemplo, tornou evidente o fato de que o homem pode permanecer de pé na sua integridade. O homem pode alcançar poder para resistir ao mal — um poder do qual nem a Terra, nem a morte, nem o inferno possa assenhorear-se, um poder que o coloque numa posição em que esteja habilitado para vencer como Cristo venceu. A divindade e a humanidade poderão combinar-se no homem.

Era a obra de Cristo apresentar a Verdade na moldura do Evangelho e revelar os preceitos e princípios que Êle havia dado ao homem caído. Êle não necessitava tomar pensamentos emprestados de ninguém, pois Êle era o originador de tôda a Verdade. Êle poderia apresentar as idéias

dos profetas e filósofos, e preservar a sua originalidade, pois tôda a sabedoria era dêle. Êle era a fonte de tôda a Verdade. Êle estava adiante de todos, e, pelo Seu ensino, Êle Se tornou o guia espiritual de todos os séculos.

Foi Cristo que falou por meio de Melquisedeque, sacerdote do Deus altíssimo. Melquisedeque não era Cristo, mas era a voz de Deus no mundo, o representante do Pai. E Cristo falou através de tôdas as gerações do passado. Cristo tem conduzido o Seu povo e tem sido a luz do mundo. Quando Deus escolheu Abraão para ser representante da Sua Verdade, tirou-o da sua terra, do meio da sua parentela, e o separou. Êle desejava moldá-lo segundo Seu próprio modêlo. Desejava ensiná-lo segundo Seu próprio plano. O molde dos mestres do mundo não deveria ser pôsto sôbre êle. Êle devia ser ensinado a ordenar a seus filhos e a sua casa depois dêle, a guardar o caminho do Senhor, a fazer justiça e juízo. Essa é a obra que Deus quer que nós façamos. Êle quer que compreendamos como devemos governar nossas famílias, controlar nossos filhos, e ordenar nossas casas no sentido de guardarem o caminho do Senhor.

João foi chamado para fazer uma obra especial. Devia preparar o caminho para o Senhor, endireitando as veredas. O Senhor não o enviou à escola dos profetas e rabis. Retirou-o das assembléias dos homens e encaminhou-o para o deserto, para que êle aprendesse da Natureza e do Deus da mesma. Deus não queria que êle tivesse o molde dos sacerdotes e governadores. Êle foi chamado para fazer uma obra especial. Deus lhe deu sua mensagem. Dirigiu-se êle aos sacerdotes e governadores a fim de perguntar-lhes se podia proclamá-la? Não! Deus o separara dêles a fim de que êle não fosse influenciado pelo espírito e ensino dêles. Êle era a "voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Todo vale será aterrado, e nivelados todos os montes e outeiros; os caminhos tortuosos serão retificados; e os escabrosos, aplanados; e tôda a carne verá a salvação de Deus; pois a bôca do Senhor o disse". É exatamente essa a mensagem que deve ser dada ao nosso povo. Estamos perto do fim do tempo, e a mensagem é: "Preparai a estrada ao Rei; limpai-a das pedras; levantai o estandarte ao povo". O povo deve ser despertado. Agora não é o tempo de clamarmos: Paz e segurança. É-nos dada a exortação: "Clama em alta voz; não te detenhas. Levanta a tua voz como a trombeta e mostra ao Meu povo as suas transgressões e à casa de Jacó os seus pecados".

A luz da glória de Deus brilhou sôbre nosso Representante, e êsse fato nos diz que a glória de Deus poderá brilhar também sôbre nós. Com o Seu braço humano, Jesus abraçou a raça humana, e com o Seu braço divino Êle Se apegou ao trono do Infinito, ligando o homem com Deus e a Terra com o Céu.

A luz da glória de Deus deve resplandecer sôbre nós. Necessitamos a santa unção do Alto. Por mais inteligente e erudito que um homem seja, não está qualificado para ensinar a menos que se apegue firmemente ao Deus de Israel. Quem está ligado ao Céu fará as obras de Cristo. Pela fé em Deus êle terá o poder de comover a humanidade. Procurará as ovelhas perdidas da casa de Israel. Se o poder divino não se combina com o esfôrço humano, eu não dou valor algum a tudo quanto o maior homem possa fazer. Falta o Espírito Santo em nossa obra. Nada me amedronta mais do que ver o espírito de dissensão manifesto pelos irmãos. Achamo-nos em terreno perigoso quando não nos podemos reunir como cristãos para examinar com cortesia os pontos de vista controvertidos. Eu gostaria de fugir do lugar, de mêdo que eu receba o molde daquêles que não sabem investigar càndidamente as doutrinas da Bíblia. Os que não sabem examinar, imparcialmente, as

evidências de uma posição que difere da dêles, não são aptos para serem mestres em departamento algum da Causa de Deus. O que necessitamos é o batismo do Espírito Santo. Sem o mesmo não estamos mais habilitados a sair ao mundo do que estavam os discípulos (imediatamente) após a crucifixão do seu Senhor. Jesus conhecia a sua deficiência, e lhes disse que perseverassem em Jerusalém até que fôssem revestidos do poder do Alto. Todo mestre deve ser aluno, a fim de que seus olhos sejam ungidos para que êle veja as evidências da avançadora Verdade de Deus. Os raios do Sol da Justiça devem brilhar sôbre seu coração se êle deseja comunicar luz aos outros.

(*Continua*)

———— / / ————

NOTÍCIAS MISSIONÁRIAS DO CAMPO MUNDIAL

A. Lavrik

"E será pregado êste evangelho do reino por todo o mundo, para testemunho a tôdas as nações. Então virá o fim". "E vi outro anjo voar pelo meio do céu e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sôbre a terra, e a tôda nação, e tribo, e lingua, e povo". "Porque o Senhor cumprirá a Sua Palavra sôbre a terra, cabalmente e em breve". "Não por fôrça nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos". "O mais pequeno virá a ser mil, e o mínimo um povo grandíssimo; Eu o Senhor, a seu tempo o farei prontamente". Mt 24:14; Ap 14:6; Rm 9:28; Zc 4:6; Is 60:22.

A primeira dessas preciosas profecias foi proferida pelo próprio Senhor Jesus, quando a Sua igreja era ainda pequena e as possibilidades humanas tão escassas que os discípulos necessitavam ter grande fé para crerem no seu cumprimento, pois não podiam compreender como seria possível que ela se realizasse.

Apesar de que Jesus, durante o Seu ministério, trabalhava àrduamente pregando o Evangelho com grande poder e sabedoria do Alto, e realizando muitos milagres autênticos, a Obra avançava lentamente, sendo poucas as pessoas que realmente abraçavam a Sua mensagem.

Mesmo depois das experiências feitas por ocasião da crucificação e ressurreição, os discípulos demonstraram não ter compreendido a alta missão de Jesus, ao Lhe perguntarem na hora da despedida sôbre o Monte das Oliveiras: "Senhor, será êste o tempo em que restaures o reino de Israel?" At 1:6.

Jesus procurou desviar-lhes da mente a idéia que vinham acalentando e comissionou-lhes a grande tarefa de pregar o Evangelho ao mundo, acrescentando a promessa: "Mas recebereis poder, ao descer sôbre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém, como em tôda a Judéia e Samaria e até os confins da terra". At 1:8.

Eram poucos em número e, sob o ponto de vista humano, não tinham capacidade para um trabalho tão grande. As oposições e os argumentos dos escribas e fariseus, assim como a ira de Herodes, desafiavam a sua pouca fé na realização dessa grande tarefa.

Mas quando se manifestou o poder de Deus a êles, encheram Jerusalém com as boas novas da salvação, conforme o próprio testemunho de seus oponentes. (At 5:28). Algum tempo depois o apóstolo Paulo disse que o Evangelho fôra "pregado a tôda criatura que há debaixo do céu" (Cl 1:23).

Em tôda a história do povo de Deus, os movimentos reformatórios despertados pelo Espírito Santo tiveram sempre um pequeno comêço, sendo usados elementos humildes e desprezados pelo mundo, os quais surpreendiam os considerados sábios, conforme testifica o apóstolo: "Irmãos, reparai, pois, na vossa vocação; visto que não foram chamados os muitos sábios segundo a carne, nem os poderosos, nem os de nobre nascimento; pelo contrário, Deus escolheu as coisas loucas dêste mundo para envergonhar os sábios, e escolheu as coisas fracas dêste mundo para envergonhar as fortes; e Deus escolheu as coisas humildes dêste mundo, e as desprezadas, e aquelas que não são para reduzir a nada as que são; a fim de que ninguém se vanglorie na presença de Deus". I Co 1: 26-29. A glória do homem nada é e o poder de Deus é tudo.

Se tivermos êsse ponto de vista como uma realidade, o Senhor poderá usar-nos para o Seu serviço: doutra maneira Êle não nos poderá usar para cumprir Seu programa na consumação da Obra.

Os escribas e fariseus presumiam que sòmente por meio dêles poderia Deus realizar Sua obra. Apareceu, entretanto, João Batista, homem simples e instruído por Deus, anunciando que Deus poderia das pedras suscitar filhos a Abraão.

O Espírito de Profecia, referindo-se ao trabalho que deveria ser realizado agora, diz:

"A repreensão do Senhor estará sôbre os que impeçam o caminho, para que não chegue ao povo mais clara luz. Uma grande obra tem de ser feita, e Deus vê que nossos dirigentes necessitam maior luz, a fim de se unirem aos mensageiros que Êle envia para realizarem a obra que Êle intenta que se faça. O Senhor tem suscitado os mensageiros, e dotado os mesmos de Seu Espírito, e tem dito: 'Clama em alta voz, não te detenhas, levanta a tua voz como a trombeta e anuncia ao Meu povo a sua transgressão, e à casa de Jacó os seus pecados'. Is 58:1 Ninguém corra o risco de se interpor entre o povo e a mensagem do Céu. Essa mensagem há de chegar ao povo; e se não houvesse nenhuma voz entre os homens para a anunciar, as próprias pedras clamariam". OE:304.

"Em tôdas as gerações Deus tem enviado Seus servos para repreender o pecado, tanto no mundo como na igreja. Mas o povo deseja que se lhes falem coisas agradáveis, e a verdade clara e pura não é aceita. Muitos reformadores, ao iniciarem seu trabalho, decidiram-se a exercer grande prudência ao atacar os pecados da igreja e da nação. Esperavam, pelo exemplo de uma vida cristã pura, fazer voltar o povo às doutrinas da Bíblia. Mas o Espírito de Deus veio sôbre êles, assim como viera sôbre Elias, impelindo-o a repreender os pecados de um rei ímpio e de um povo apóstata; não podiam conter-se de pregar as claras asserções da Escritura Sagrada — doutrinas que tinham sido relutantes em apresentar. Sentiram-se forçados a declarar zelosamente a verdade e o perigo que ameaçavam as almas. As palavras que o Senhor lhes dava, êles as falavam, sem temer as conseqüências, e o povo era constrangido a ouvir a advertência.

"Assim será proclamada a mensagem do terceiro anjo. Ao chegar o tempo para que ela seja dada com o máximo poder, o Senhor operará por meio de humildes instrumentos, dirigindo a mente dos que se consagram ao Seu serviço. Os obreiros serão antes qualificados pela unção de Seu Espírito do que pelo preparo das instituições de ensino. Homens de fé e oração serão constrangidos a sair com zêlo santo, declarando as palavras que Deus lhes dá". C:606.

A obra do Movimento de Reforma começou também passando por experiências semelhantes a essas descritas nesse Testemunho. Não devemos envergonhar-nos por não haver muitos homens letrados em nosso meio. Mais do que de instrução, necessitamos do conhecimento das simples verdades da Palavra de Deus, que são aptas para reprovar os mais sábios segundo o mundo. Se vivermos fielmente a verdade que professamos, não haverá argumento que possa destruir seus efeitos. Esta afirmação é uma realidade experimentada nesta obra de Reforma; dela dão testemunho centenas de almas que não recuaram nem mesmo ante o martírio. "Êles, pois, o venceram por causa do sangue do Cordeiro e pela palavra do testemunho que deram, e, mesmo em face da morte, não amaram a própria vida". Ap 12:11.

A principal preocupação da nossa vida deve ser santificar-nos na obediência à verdade que professamos. Êste será o poder que vencerá o inimigo até o final. Pude convencer-me disso, novamente, durante a longa viagem que fiz através do mundo, em 7 meses.

A 10 de dezembro de 1961, deixei Sacramento, U. S. A., rumo à Austrália. A viagem foi muito boa. Após uma noite de vôo cheguei a Sidney. Estava do outro lado do mundo. Esperavam-me no aeroporto os irmãos Haynes e Heslop, que me levaram à sede da nossa obra na Austrália. Contentes, mostraram-me ansiosamente as suas atividades e o progresso da Obra naquele país. Visitei a igreja, os escritórios, e o *Elim Health Center* (Centro de Saúde Elim).

Os irmãos que ali trabalham apresentaram-me diversos pacientes então em tratamento. Tive muito interêsse em conhecer os seus métodos de trabalho e os resultados obtidos. Ouvi de alguns pacientes expressões de gratidão a Deus pela recuperação da saúde.

O irmão presidente da obra deu-me as informações que eu desejava e depois me levou para visitar a fazenda em que fica a Escola de Hebron, a 85 quilômetros de Sydney, onde seria celebrada a conferência.

Em plena natureza, longe do movimento da cidade, os irmãos já estavam empenhados na preparação da "camp-meeting" (reunião religiosa ao ar livre), estendendo as tendas para as visitas que esperavam de tôdas as partes da Austrália.

O programa foi estabelecido e tivemos, durante 15 dias, belas reuniões, espirituais e administrativas. Embora fora de época, chovia copiosamente. No dia 25 de dezembro, preparamo-nos para uma festa batismal nas águas do belo rio que circunda a fazenda da escola. Havia 11 candidatos. A chuva, caindo fortemente, desafiava a realização do nosso programa. Contei aos irmãos uma experiência feita no Brasil, quando estávamos em circunstâncias idênticas, e resolvemos sair de preferência a desistir do batismo e atrasar o programa. Oramos, pois, e saímos, e a chuva parou. Realizamos o batismo maravilhosamente. Voltamos à igreja e, quando apenas tínhamos entrado, a chuva começou a cair novamente. Foi uma experiência inesquecível para os irmãos que assistiram à conferência. Deus seja louvado pelas misericórdias que nos concede apesar da nossa pouca fé!

Durante uma das reuniões dos delegados, o irmão encarregado do Departamento Médico veio com uma notícia da

parte de um dos pacientes ali tratados. Era um homem de idade avançada que, satisfeito com o tratamento, prometeu construir e doar para nossa Obra um centro missionário em Sydney, com sala de culto, clínica, escritórios e tipografia, no valor aproximado de 20.000 libras. (Uns 26 milhões de cruzeiros). Queira o Senhor mover ainda muitos corações para que façam ofertas semelhantes em tantos outros lugares onde a Obra necessita de recursos!

Desejava ficar mais um pouco na Austrália, mas não me foi possível, porque recebera cartas e telegramas com instruções para seguir para as Filipinas, onde os irmãos me esperavam para celebrar conferências. Precisei, pois, dizer adeus aos irmãos australianos e continuar a viagem.

Nas Filipinas, país insulíndico com mais de 7.000 ilhas, onde vivem 22 milhões de habitantes, de diversas raças, os costumes são muito diferentes dos do ocidente. Achei muito interessante conhecer essa parte do mundo.

Quando cheguei a Davao City, chovia torrencialmente, mas os irmãos me esperavam no pôrto.

Eu estava preocupado porque o meu inglês é ainda fraco para falar em público; esperava, porém, que o Senhor haveria de prover algum recurso como fizera com seus discípulos quando os mandara a tôdas as nações e línguas até aos confins da terra. Minha esperança se realizou, pois o irmão Tibúrcio De la Calzada, que fôra durante muitos anos ministro na Igreja Adventista, traduz correntemente do inglês para a língua tegual, mais usada nas Filipinas. Fiquei admirado ao ver como o povo compreendia bem todos os assuntos que eu apresentava. Deus nos abençoou ricamente nessa conferência.

A história do despertamento dos filipinos para o Movimento de Reforma é uma notável manifestação do poder divino. Vinham recebendo a mensagem da Reforma por correspondência, fazia mais de dois anos, até que, em fins de 1958, o irmão D. Nicolici foi visitá-los, quando os encontrou como um grupo separado da igreja grande por causa da apostasia desta com referência à guarda do Sábado e outros princípios da doutrina. Êsse grupo ficara firme no que havia aprendido anteriormente sôbre a Lei e os Testemunhos e procurara entrar em contacto com a Reforma. Eram mais de 700 almas unidas nessa atitude e espalhadas pelas diversas ilhas.

Êsses irmãos enviaram delegados para a conferência, e, depois de apresentados e discutidos nossos Princípios de Fé e abordados muitos assuntos que se relacionam com a nossa posição no Movimento de Reforma, o povo reunido manifestou-se unânimemente de acôrdo com os nossos pontos de vista, aceitando solenemente a mensagem da Reforma.

Nessa ocasião foram recebidas umas 60 almas, das quais 19 por batismo.

Enquanto realizávamos as assembléias, chovia dia e noite. Houve inundações. Muita gente ficou sem teto. As repartições públicas, os colégios, os hospitais, recolhiam os desabrigados. Mas o mais triste foi que famílias inteiras desapareceram, levadas pelas enxurradas. E não era pròpriamente o tempo das chuvas. Mais um sinal dos últimos dias!

A Obra nas Filipinas foi organizada. O irmão John Nicolici seguiu para lá a fim de continuar o trabalho e visitar os grupos de interessados com o propósito de os instruir e receber na igreja.

Abro um parêntese no meu relato:

Logo depois de minha saída daquele país, o irmão De la Calzada escreveu dizendo que o interêsse era muito grande nas diversas ilhas e que se sucediam as chamadas por cartas e tele-

gramas para ajudar as almas despertadas para a mensagem da Reforma.

Segundo relatórios do irmão J. Nicolici, muitas almas já foram por êle recebidas na igreja, no seu novo campo de trabalho.

A pobreza é enorme naquele país. Há muita necessidade de auxílio material. O povo, porém, é inclinado à religião mais do que em qualquer outro país asiático. Aquêle, aliás, é o único país da Ásia que professa a religião cristã.

Visitei diversas das principais ilhas do país, entre as quais a de Cebu, onde, em Cebu City, vive o irmão De la Calzada. Ali as condições de vida do povo são algo melhores. Êle me mostrou os trabalhos da "classe numerosa" naquela ilha. Fomos ver um grande prédio construído pelos adventistas, para reuniões públicas, fins políticos, clubes, bem como cultos religiosos. Achei incrível quando me contaram isso, até que me convenci de fato, vendo-o com os meus próprios olhos! Muitas pessoas escandalizaram-se com isso, abandonaram a igreja, e agora chamam o irmão De la Calzada para que lhes apresente a mensagem da Reforma.

Visitei também o hospital dos adventistas naquela cidade. Fui recebido com muita cortesia pelos funcionários da instituição e por um dos médicos, conhecido do irmão De la Calzada. O sistema de tratamento que adotam é o mesmo de outros lugares: usam drogas e mais drogas, esquecendo-se da grande luz que receberam pelo Espírito de Profecia.

Despedi-me do irmão De la Calzada e fui para Manila, onde passei o sábado, e aproveitei a oportunidade para visitar a "classe numerosa". Também ali é triste a situação da igreja, particularmente na questão da moda e do mundanismo. A apostasia penetrou profundamente entre o povo do Advento, pelo que necessitamos levar-lhes a mensagem da Reforma em todos os países e ilhas.

De Manila segui meu itinerário para Calcutá, India, via Tailândia. Fiquei impressionado com os costumes daquelas terras. A idolatria e as superstições são tão terríveis que despertam pena e simpatia em favor do povo ignorante. Homens criados à imagem de Deus fazem ídolos com as mais terríveis aparências.

A miséria que presenciei na India foi a maior que vi em tôda a minha vida. Diz-se com muita verdade que a India é o país da fome.

Viajei de Calcutá a Ranchi (cêrca de 320 km), onde me encontrei com o irmão P. C. Dey. Passei o sábado com um pequeno grupo que se reuniu em casa dêle.

Informaram-me que é muito difícil o desenvolvimento da Obra naquele país, porque as almas são supersticiosas, cheias de preconceitos, fechando a porta à mensagem. Mas há também almas sinceras, sedentas pela Verdade, de forma que, para sustentar a Obra ali, é necessário trabalhar com muita tática e dispor de bastantes recursos, e dêstes, infelizmente, possuímos poucos. Mesmo os adventistas, que lá trabalham de há muitos anos, com fortes recursos, têm pouco resultado naquela parte do mundo. Muitas almas abandonaram a igreja ou se desviaram da Verdade. Também lá a apostasia é grande na "classe numerosa".

De Ranchi voltei para Calcutá, onde visitei mais algumas almas.

Depois segui para Ceilão, onde visitei um grupo de interessados com quem vínhamos mantendo contacto por correspondência. Procurei fortalecê-los ainda mais na mensagem da Reforma. Também lá encontrei muita miséria, se

bem que em menor proporção que na India. São bem mais acessíveis ao Evangelho.

As muitas línguas usadas nos países asiáticos dificultam bastante a pregação da Verdade, mas, a seu tempo, Deus ajuntará ao Seu redil as almas que Lhe pertencem.

De Ceilão voltei para Bombaim, no sul da India, com o plano de visitar Goa, onde deve haver mais de 1.800 interessados na mensagem da Reforma, dirigidos por um ex-padre católico.

Quando Goa ainda era colônia portuguesa, desejei visitá-la, porém não consegui o visto de entrada. Agora, sob o domínio da India, pensei que seria muito mais fácil, mas enganei-me. Esperei muito para ver se conseguiria uma permissão do govêrno de Nova Delhi, mas tive que desistir, porque a permissão não veio.

De Bombaim fui à África do Sul, onde fiz uma surpresa ao irmão J. Delport, encarregado da Obra. É que meu telegrama não lhe chegara às mãos. Depois de algumas horas de palestra com êle, segui com destino à Rodésia, a fim de visitar os irmãos de côr, que vivem naquela região. Infelizmente a situação interna do país não era favorável, pelo que não me foi permitida a entrada naquela região.

Tivemos conferências de Campos e da União, em Pretoria e no Transvaal. Temos na União Sul-Africana cêrca de 600 membros, entre brancos e de côr. Falam diversas línguas. As pregações foram traduzidas em quatro idiomas simultâneamente. O Senhor Deus nos abençoou ricamente em tôdas as reuniões que ali tivemos.

Depois de cinco semanas de permanência com os irmãos da África do Sul, deixei-os muito animados e fui à Nigéria, África Ocidental, onde há um despertamento entre os africanos. Em 1958 o irmão D. Nicolici passara uns dois meses ali, em contacto pessoal com as almas. Depois foi enviado para lá o irmão MacDonald como missionário. Encontrei-o junto com os nativos. Passei duas semanas com êles, fazendo reuniões em diversos lugares. O desenvolvimento do trabalho ali requer muitos meios financeiros e recursos pessoais. Os nativos pedem homens que se devotem ao trabalho de educação e evangelização de milhares e milhares de pobres criaturas incultas, dominadas por inúmeras superstições do negro paganismo. Para agravar a situação, o clima do país é equatorial na região litorânea, e subequatorial no interior. Há muita malária. Existe perigo de vida. Os obreiros que vão para lá têm que estar prevenidos para qualquer emergência. Mas, como quer que seja, temos que nos sacrificar, porque as almas que vivem em estado tão desfavorável, devem ser alcançadas pela mensagem.

Depois de percorrer êsse campo, em que temos bom despertamento, venci 800 milhas de carro, voltando para Lages, onde tomei o avião para Lisboa, Portugal.

O aparelho sofreu atraso na sua rota, e cheguei de madrugada. Mas ali estavam, no aeroporto, os irmãos Devai e outros irmãos de Lisboa à minha espera. Foi uma festa êsse encontro depois de tanto tempo de ausência. Podendo falar livremente o português, senti-me mais à vontade, como se estivesse em casa.

Fiz com os irmãos, muitas visitas, reuniões e planos para o progresso da Obra.

Deixando Lisboa, segui para Barcelona, Espanha, onde os irmãos também me esperavam ansiosos, pois minha última visita àquele lugar datava de 1960.

O grupo de Barcelona também havia aumentado. Novas almas zelosas tinham aderido à Reforma, apesar da restrição da liberdade religiosa naque-

le país. Com um clima de intolerância religiosa, impera, na Espanha, o catolicismo. Ali não é permitida a propaganda evangélica nem a colportagem. Os irmãos, porém, fazem o que podem para levar a mensagem às almas sinceras. Oh! quanto perdem aquêles que têm liberdade religiosa e não a aproveitam para o trabalho de evangelização!

Depois de algumas reuniões com os irmãos da Espanha, continuei minha viagem para a Alemanha.

Em Frankfurt esperava-me o irmão J. Hartmann. Muito comovido, como notei por suas primeiras palavras, lembrava-se da sua querida espôsa, que em outras ocasiões nos estendera sua amável hospitalidade e que agora, tendo-se submetido a uma intervenção cirúrgica, não mais vivia.

Fizemos várias visitas na Alemanha Ocidental e Meridional, realizando as assembléias de duas Associações e da União.

Visitei também os irmãos da França e Suíça, fazendo animadas conferências em Lessan.

Dali seguimos para a Áustria, para realizar a conferência do Campo Austríaco. Viajamos transpondo montanhas por estradas perigosíssimas, cheias de curvas. Numa dessas curvas muito fechadas, o motorista do nosso carro perdeu a direção e o auto desceu a encosta, dando de encontro com as pedras. Não tivemos tempo nem para falar nem para pensar; esperávamos uma fatalidade. Mas os anjos de Deus frustraram o plano do inimigo. Nada sofremos. Sòmente o carro ficou algo avariado. Os trabalhadores da estrada, que se achavam ali perto, e que acorreram em nosso socorro, ficaram estupefatos ao verem que havíamos escapado ilesos. "Foi um verdadeiro milagre", diziam. E contaram-nos que, semanas antes, um carro se acidentou naquele mesmo lugar, da mesma forma, ficando seus ocupantes gravíssimamente feridos. Nada pudemos dizer antes de agradecer a Deus por nos ter poupado a vida e ter-nos dado mais um sinal do Seu amor por nós.

Na conferência da Áustria, Deus nos abençoou ricamente. O tempo estava um pouco frio, porém os irmãos, muito entusiasmados, tinham vindo de muitos lugares para as reuniões. Também naquele país impera o catolicismo, e os irmãos, apesar de verem restringida a sua liberdade, fazem o que podem para promover o avançamento da Obra.

Os irmãos B. Hohenreiner e W. Volpp seguiram comigo rumo a Belgrado, Iugoslávia, para outra conferência de União. Tivemos que pedir permissão especial das autoridades para que pudéssemos realizar as reuniões e para que eu pudesse falar em público.

Fomos atendidos com muita cortesia. Disseram-me que meu nome já era conhecido e que podia falar à vontade. Era a mão do Senhor que estava operando em nosso favor.

Realizamos a conferência livremente. Cantamos e pregamos com auxílio de alto falante. A casa em que fizemos as reuniões estava tão cheia que muitas pessoas se mantinham em pé, junto às portas, no quintal e no segundo andar, ouvindo as pregações sem ver o pregador. Mais de 250 irmãos estavam presentes. Os relatórios foram apresentados e todo o trabalho foi executado em boa harmonia. Dois obreiros foram consagrados para o ministério. Deus seja louvado pelo sucesso dessa conferência!

Em Belgrado estavam presentes alguns irmãos da Itália, entre os quais um irmão que fôra ministro da igreja grande durante 12 anos e que recentemente aderiu à Reforma, convicto da nossa mensagem e da nossa Obra. Êle

foi recebido, juntamente com um grupo da cidade de Turim, quando os irmãos B. Hohenreiner e W. Volpp os visitaram e organizaram. Há pouco recebi carta dêles. Sentem muita alegria em estar na Verdade. Que Deus os ajude a permanecerem firmes até o fim!

Retomo o fio da meada:

Os irmãos da Iugoslávia resolveram fazer conferências locais em outros lugares, para benefício daqueles que não puderam estar presentes em Belgrado. Para isso foram escolhidas cinco localidades.

Enquanto meus companheiros de viagem visitavam uma dessas localidades, decidi procurar entrada num país vizinho, a Bulgária, para ver os irmãos ali. Deus seja louvado! pois passei a fronteira sem dificuldade. Os irmãos se alegraram muito com a minha visita e eu me alegrei por me ser dado conhecê-los e confortá-los na fé. Há muitas coisas que eu gostaria de narrar, porém as circunstâncias e o espaço não mo permitem. A fé dos irmãos ali é tão severamente provada que tem de ser genuína ou sofre naufrágio.

Voltei para a Iugoslávia a fim de continuar com as conferências locais, que foram muito animadas, sendo assistidas em cada lugar por mais de 100 irmãos.

Em Zagreb fôra construída uma bela casa para a missão.

Meu desejo era visitar outros países detrás da cortina de ferro, especialmente a Romênia, onde há mais de 5.000 irmãos completamente proibidos de prestar culto a Deus e de reunir-se aos Sábados. Nem duas famílias podem congregar-se para êsse fim. Segundo informações recentes, nossos obreiros ali foram ajuntados em grupos de até 50, e condenados de 5 a 25 anos de prisão, ùnicamente por causa da sua fé. Um irmão me contou que, num dos países detrás da cortina de ferro, êle fôra condenado à morte e levado ao local de execução. Obrigaram-no a fazer sua própria cova, e, pronta esta, prepararam-no para ser fuzilado. Os soldados esperavam a ordem de atirar, quando o oficial gritou: "Não atireis nêle, pois desceria ao pó com a sua fé. Deixai-o viver, porque pode ser que mais tarde deixe essa fé..." E foi pôsto em liberdade.

O inimigo sabe que, se êle morresse fiel, sua fé o seguiria, e crê que, vivendo êle, poderá ainda ser vencido e vir a perder sua fé. Por isso a Palavra diz: "Sê fiel até a morte e dar-te-ei a coroa da vida". Ap 2:10. Nunca devemos esquecer-nos dêsse versículo. Conheço pessoas que sofreram anos de prisão e torturas pela Verdade e, uma vez postas em liberdade, abandonaram a fé.

Depois de mais algumas visitas, na Iugoslávia, voltei para a Alemanha, e dali rumei para a Inglaterra, onde visitei os irmãos de Manchester e Londres. Segui depois para Nova York, onde me esperavam os irmãos Smith e Watkins. Passei un sábado abençoado com os irmãos da Pennsylvania e segui para Sacramento. Fazia justamente 7 meses que eu me havia despedido dos meus queridos e dos irmãos da sede.

Esperavam-me para iniciarmos logo a conferência campal em Moriah Heights.

Deus seja louvado pela proteção e auxílio que me concedeu durante essa longa viagem à volta do mundo!

Durante minha viagem, realizei 13 conferências organizadoras, 36 conferências locais, inúmeras reuniões pequenas, e visitei 16 países. Três obreiros foram consagrados para o ministério. 72 almas foram recebidas na igreja, um novo campo missionário foi organizado, e outros campos, onde havia despertamentos, foram deixados com diretrizes para organização.

A Conferência Geral tem agora a grande tarefa de sustentar mais 4 novos

campos com famílias missionárias ocupadas no trabalho.

Apelamos aos queridos irmãos de todo o mundo para que nos ajudem nesse grande empreendimento missionário.

Aproxima-se o tempo em que não mais poderemos viajar para atender a êsses campos. Aproveitemos, pois, a ocasião que Deus nos concede agora para realizar Sua obra! Assim, "êste evangelho do reino será pregado em tôdas as nações, povos e línguas, em testemunho a tôdas as gentes, e então virá o fim".

Se nos negarmos a fazer esta Obra, as próprias pedras serão despertadas para executar o programa divino.

(*Continua na pág. 24*)

———— / / ————

NOTÍCIAS DA A.R.M.E.S

Moysés Lavra

Pela graça de Deus podemos apresentar um pequeno relatório das nossas atividades missionárias depois da última conferência organizadora realizada em julho p.p.

Os delegados, ao chegarem aos seus campos, relataram aos irmãos os acontecimentos da conferência, enchendo de gôzo o coração daqueles que não puderam lá estar presentes. Testemunhas disso são as inúmeras cartas que temos recebido de igrejas e grupos expressando sua alegria pelas bênçãos que o Senhor tem concedido à Sua igreja. Poderíamos citar alguns trechos dessas cartas, mas, como isso tomaria espaço, limitamo-nos a dizer que tais irmãos se sentem confortados e fortalecidos na fé, estando dispostos a cooperar com todos os seus talentos para que se apresse a conclusão da Obra do Senhor.

Os obreiros estão lançando mãos à Obra com redobrado ânimo. O irmão Osias Silva, que até agora trabalhou ativamente no campo espiritossantense, está de mudança para Recife, onde a Obra precisa dêle. O irmão Ary Gonçalves, que trabalha no campo carioca, movimentando-se incessantemente para atender os inúmeros chamados de visitas, acompanhou-nos numa viagem de vários dias a Belo Horizonte, Juiz de Fora, Nepomuceno e Três Rios, para confirmarmos o trabalho do Senhor. O irmão João Lopes em Minas, trabalha com ardor em Belo Horizonte, Corinto, Pirapora, Inhapim, visitando os irmãos e interessados que se despertam em outras cidades do grande estado montanhês. O irmão Nelson Garcia, que atualmente ajuda no trabalho em Belo Horizonte, pretende mudar-se para o Rio (o que nos será muito útil) para ajudar a igreja de Padre Miguel.

O irmão Agostinho Saturnino está ativo à frente do trabalho de colportagem: visita os colportores, eleva-lhes o ânimo, ajuda-os a trabalhar de modo a alcançarem êxito, auxilia os novos e fracos para que vendam mais, chama os que desertaram das fileiras e recruta novos elementos, anima a todos para a atividade, a fim de que seja ultimado o trabalho do Senhor. Muitos novatos já se alistaram para o combate; quem mais responderá: "Eis-me aqui, envia-me a mim"?

O irmão Celino Dias, que foi eleito encarregado do depósito de livros da Associação, já assumiu o seu cargo.

O irmão André Cecan, além de nos ajudar aqui, tem novas responsabilidades em São Paulo, onde passa parte do seu tempo. Visitou Nanuque, Minas, onde, com os irmãos de lá, que são muito animados na Causa do Mestre, lançou os alicerces de mais um templo.

Quanto a mim, tenho atendido os grupos vizinhos do Rio, visitando a igreja de Macaé, fazendo conferências em Jacarèzinho, estudando com os interessados que já desejam o batismo, visitando os irmãos da Guanabara e outros lugares, não sòmente pregando o Evangelho, mas também fazendo o que se acha escrito em 2TSM:79: "A obra dos servos de Cristo não é meramente pregar a Verdade; devem vigiar pelas almas, como os que têm que dar contas a Deus. Devem redargüir, repreender, exortar, com tôda a longanimidade".

O irmão Isaías Lima, novo secretário e tesoureiro, está-se adaptando bem à sua responsabilidade, empregando suas aptidões na Causa do Senhor.

O irmão A. Balbachas, presidente desta Associação, não pode por enquanto visitar-nos amiúde, devido às suas grandes responsabilidades no Departamento Editorial de nossa Obra no Brasil.

Esperamos, porém, que, brevemente, êle dedique mais tempo à nossa Associação, para nos orientar e para fazermos uma série de visitas e conferências em várias cidades estratégicas da nossa Associação; esperamos alcançar muitas almas em resultado dêsse trabalho.

Urge, também, a execução dos planos que os irmãos delegados nos apresentaram para o presente biênio. As dificuldades são grandes e muitas, porém, com a graça de Deus e nossa união com Cristo e uns com os outros, elas poderão ser superadas.

Os planos para o estabelecimento de Clínica, Escola, Asilo, construção de templos e dependências para o bem estar dos irmãos e necessitados, são muito fáceis de fazer; o difícil é executá-los. Êsses planos não se executam sòmente com boa vontade, palestras e orações. Não! Diz o Espírito de Profecia: "A oração não paga nossas dívidas para com o Senhor... Não ocupa o lugar do dever. Por mais freqüentes e fervorosas que sejam as orações feitas, jamais serão aceitas por Deus em lugar de nosso dízimo". MJ:246. É preciso que todos sintam a responsabilidade e privilégio de contribuir para a Causa de Deus, e depois... "fazei prova de Mim", diz Êle.

Precisamos cuidar dos nossos velhos. Mas onde buscaremos recursos para localizá-los e sustentá-los na nossa Associação? Muitos dêles lutaram com tôdas as suas fôrças e estão chegando à idade em que necessitam de sossêgo. Foram fiéis à igreja e aos princípios da Verdade, e esperam que na sua velhice a igreja não os deixe em hospitais ou em casa de parentes incrédulos sofrendo vexame e opróbrio. Êles merecem nosso carinho, nosso apoio, e é um dever sagrado cuidar dêles.

O clima de Louveira, SP, onde possuímos um asilo, é um tanto frio, e os irmãos da nossa Associação, acostumados com o clima quente daqui, não se dariam bem ali. Precisamos, portanto, localizá-los aqui entre nós, para que se sintam à vontade em seu ambiente familiar e fraternal.

QUEM ENTRE OS IRMÃOS QUER CONTRIBUIR PARA ISSO?

Se cada um dos nossos membros recoltar êste ano Cr$ 5.000,00, alcançaremos a apreciável soma de dois milhões de cruzeiros e então poderemos começar a atender a essa necessidade. Quem não puder recoltar tanto, recolte o que puder. Outros, que puderem recoltar o dôbro ou o tríplo, façam-no

e assim poderemos executar os planos feitos em nossas conferências.

No trabalho de atender às almas, esperamos que dentro de poucos meses estará normalizada a situação, pois foram introduzidos no programa de visitas alguns novos auxiliares, e os leigos, tanto aqui no Rio como no interior, estão trabalhando ativamente.

Estamos empenhados de corpo e alma na Obra da salvação e ainda assim não somos capazes de fazer um trabalho perfeito em todos os sentidos. Pedimos aos irmãos que compreendam e avaliem as nossas responsabilidades e cooperem conosco na salvação de almas preciosas. É êste o nosso dever:

"Todos os que foram beneficiados pelos trabalhos dos servos de Deus, devem, segundo sua habilidade, unir-se-lhes no trabalho pela salvação de almas. Esta é a obra de todos os verdadeiros crentes, ministros e povo. Devem conservar sempre em mente o grande objetivo, buscando cada qual preencher sua devida posição na igreja, e todos trabalhando conjuntamente em ordem, harmonia e amor". 2TSM:79.

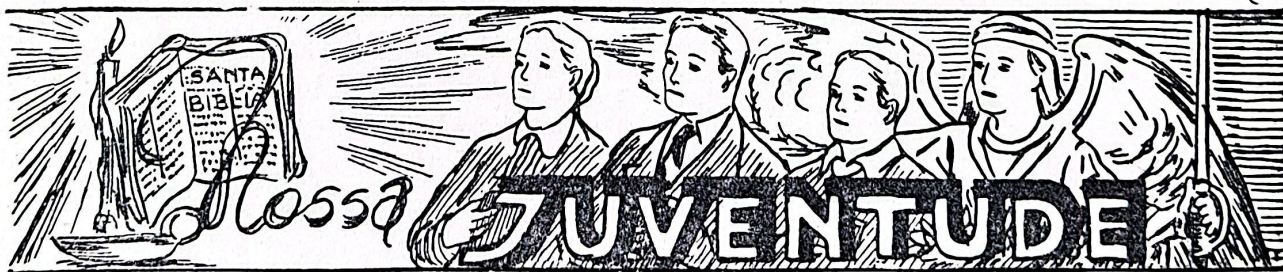
O que mais pode impedir o avançamento da Obra de salvação de almas, é a discórdia e dissensão entre o povo de Deus.

Por isso, irmãos, procuremos andar em harmonia com os Princípios e viver em paz uns com os outros. Subjuguemos nossos caprichos e opiniões do velho homem e vivamos cristãmente para que o inimigo não tenha razão de zombar da Verdade que pregamos ao mundo.

Entreguemo-nos a Cristo e deixemos que Êle reine em nosso coração!

Se avaliarmos sempre o alto privilégio de sermos cooperadores e embaixadores de Deus na Terra, haveremos de cumprir com fidelidade a nossa nobre tarefa de levar as boas novas de salvação aos perdidos por quem Cristo morreu.

Que Deus nos dê entendimento para avaliarmos nossa responsabilidade e o privilégio de trabalharmos na Sua vinha!

—— // ——

VALORES QUE PERMANECEM

A. Balbachas

O mundo não pergunta: Quanto dinheiro, quantos prédios, quantas fazendas, etc., um homem deixou. Antes pergunta: Que valor moral tinha êsse homem? e que serviços prestou à humanidade?

O mundo não levanta monumentos aos que se isolam dentro dos estreitos limites do seu egoísmo. Antes os levanta aos que, com um espírito nobre e um coração generoso, se expandem na prática do bem.

O mundo não suspira, saudoso, à memória dos que só pensaram em viver para si. Antes o faz em memória dos que procuraram melhorar as condições da humanidade, promovendo o bem-estar da raça humana.

Graças aos serviços que prestara à humanidade sofredora, Abraão Lincoln, estadista norte-americano, conquistou a afeição e admiração do mundo. A respeito dêle dizia um ministro chinês nos Estados Unidos:

"Podem aplicar-se a Lincoln as palavras de que se serviu um historiador chinês para descrever o caráter de Yao, o mais respeitado dos antigos governadores da China: A sua bondade não tinha limites. A sua sabedoria era profunda. Sôbre todos os que dêle se aproximavam, espalhava o benéfico calor do Sol".

Por causa da sua grande popularidade, adquirida por sua inteligente, humana e democrática campanha anti-escravagista, foi Lincoln eleito presidente dos Estados Unidos. Em 1.º de janeiro de 1863 proclamou a abolição da escravatura, dando a liberdade a quatro milhões e meio de escravos.

O nome de Florência Nightingale, da alta camada social, ficou também gravado no coração da humanidade. Nascera numa residência principesca, mas o desejo de servir os outros era o motivo da sua existência, e é por isso que o mundo lhe consagra uma eterna recordação.

Sua fama percorreu o mundo graças aos serviços que ela prestou à humanidade sofredora na pessoa dos soldados feridos e doentes na guerra da Criméia, travada de 1853 a 1856, entre a Rússia de um lado e, de outro lado, a Turquia, Inglaterra, França, Sardenha e Piemonte, ocasionada pela tentativa russa de pôr em prática o suposto direito do czar de proteger os cristãos que habitavam os domínios do sultão turco.

Quando, em meio à guerra, dada a insalubridade reinante nos hospitais e a dificuldade relacionada com o transporte dos doentes e feridos, morriam mais soldados faltos de assistência do que mortos nas linhas de fogo, apareceu Florência na Criméia. Com um coração filântropo, uma inteligência rara e uma atividade incansável, ela, dentro de pouco tempo, fêz aparecer ordem onde tudo era caos, e transformou aquêle local de pestilência num ambiente de cura.

Tão maravilhosa foi a obra por ela realizada, que lhe chamavam "Anjo da Criméia".

Escreveu, referindo-se a essa mulher benfeitora, um correspondente do *London Times*:

"Em qualquer parte em que reine uma doença, por mais perigosa que seja, ou em que o infortúnio se faça sentir com mais intensidade, tem-se a certeza de encontrar essa mulher incomparável, cuja presença, totalmente benéfica, exerce uma influência reconfortante, mesmo nos que estão prestes a expirar. Sem exagêro, é um anjo de misericórdia. Quando, nos hospitais, o seu corpo esbelto desliza tranqüilamente ao longo das salas, os rostos dos pobres soldados iluminam-se de gratidão, ao verem-na passar.

"Quando todos os médicos, ao cair da noite, se retiram, e, quando o silêncio e a obscuridade cobrem os pobres soldados doentes, quase exânimes, todos a podem ver sòzinha, com uma lâmpada na mão, a fazer as suas visitas solitárias".

Outro nome que ornamenta as páginas da história do altruísmo é o de Jorge Mueller, que, em princípios do século XIX, abriu, em Ashley Downs, Inglaterra, um famoso orfanato. Era pobre. Não obstante, por amor aos

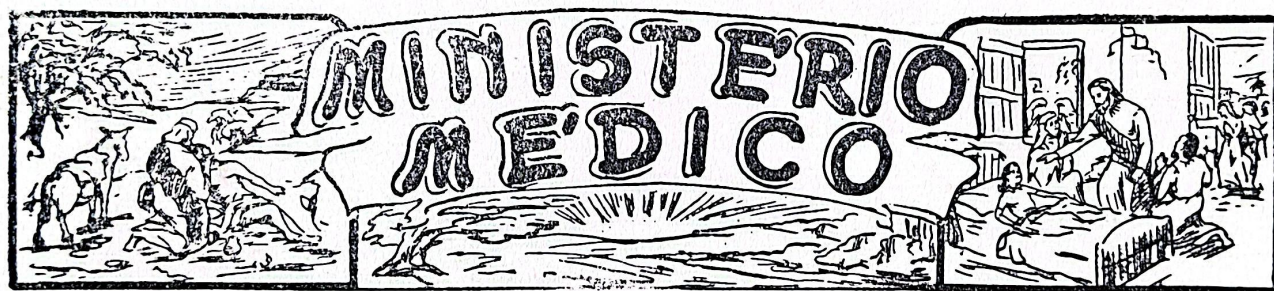
órfãos desamparados, inspirou-se de tanta fé em que Deus havia de abençoar seu nobre empreendimento, que o seu orfanato, a partir de um modesto início, cresceu, sustentado exclusivamente pelas ofertas voluntárias do público, até tornar-se uma grande instituição, que abrigou, alimentou e sustentou milhares de órfãos.

Vem-nos igualmente à memória o nome de Annie McDonald, que também fêz o que pôde em favor da humanidade sofredora. Pobre costureira em Nova York, deixou, ao morrer, tôda a sua fortuna — 200 dólares — como primeira dádiva para a fundação de um asilo para crianças aleijadas. Abrigando uma fé que remove montanhas, cria firmemente que o exemplo da sua oferta havia de inspirar em outras pessoas, abastadas, a nobre idéia de fundar uma instituição como a que ela almejava ver funcionando. Eis, pois, a origem do *Daisy Fields Home*, asilo para crianças estropiadas.

Diz o dr. Frank Crane:

"Quem tem o coração cheio de amor e as mãos ocupadas no serviço ao próximo, não se ocupa com questões mórbidas; e quem assim é decifrou o enigma da vida".

Se o amor, que é uma fonte de incansável e abnegada atividade em favor da humanidade sofredora, fôsse tirado do mundo, o que ainda restaria, de bom, sôbre a face da Terra? Nada.

———— / / ————

O CÂNCER E OS ALIMENTOS MUITO QUENTES

A prevenção do câncer é problema que preocupa incessantemente todos os centros científicos do mundo, absorvendo as atividades de grande número de médicos, experimentadores e higienistas.

Recentemente, em sua reunião periódica, O Conselho Orientador do Instituto Nacional do Câncer, dos EE UU da América, efetuada em Berthseda, debateu fundamente a questão. Novos contingentes de preciosas observações foram trazidos a plenário, permitindo muitas recomendações úteis à profilaxia do terrível mal.

No tocante às investigações sôbre o número de pacientes de câncer incipiente do aparelho digestivo, foi ressaltada a dificuldade existente para se obter o cômputo relativamente exato da incidência da doença sôbre a massa das populações, devido ao fato de ainda não existir um método que permita, em grande escala, fácil diagnóstico do câncer em seu início.

As observações apresentadas pelos cientistas, naquele conclave, vieram mostrar que 45% das manifestações cancerosas, no homem, têm predileção pelo estômago. Demonstraram, por outro lado, que 90% dos pacientes morrem dentro de 18 meses após o diagnóstico.

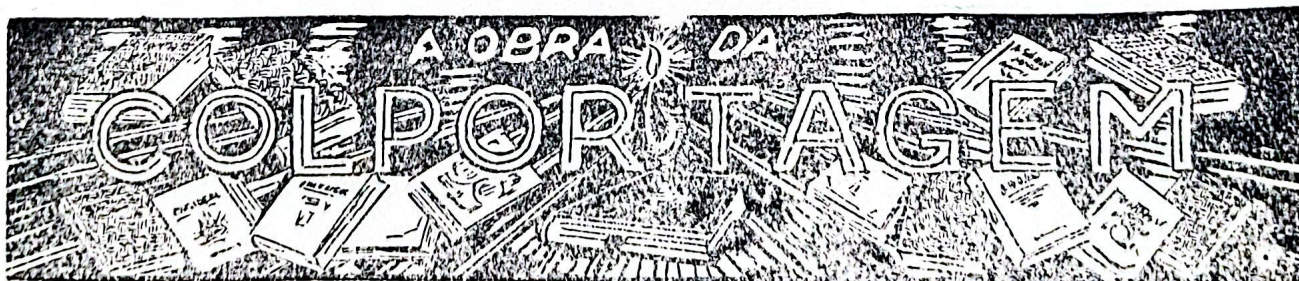
Dessa última afirmativa podemos aferir a economia preciosa que seria realizada, se a descoberta da lesão fôsse feita precocemente, porquanto, mediante cirurgia adequada, o mal é perfeitamente curável em seus primeiros estágios. Quando se considera que, nessa fase, só o método radiográfico permite desvendar a presença do câncer no aparelho digestivo, é evidente o obstáculo existente para a solução do problema.

É realmente difícil a aplicação dêsse notável recurso, pois que, além da grande massa de pacientes suspeitos a examinar, tais exames deveriam ser periòdicamente repetidos nos grupos humanos, circunstância que viria expor, não só os radiologistas, como os próprios pacientes, aos perigos das radiações. Donde a necessidade de considerável soma de especialistas e instalações, medida inexequível, presentemente.

Na referida conferência, foi particularmente focalizado o papel dos alimentos, excessivamente quentes, no aparecimento do câncer do estômago, uma das mais preponderantes formas da doença, sobretudo em nosso meio.

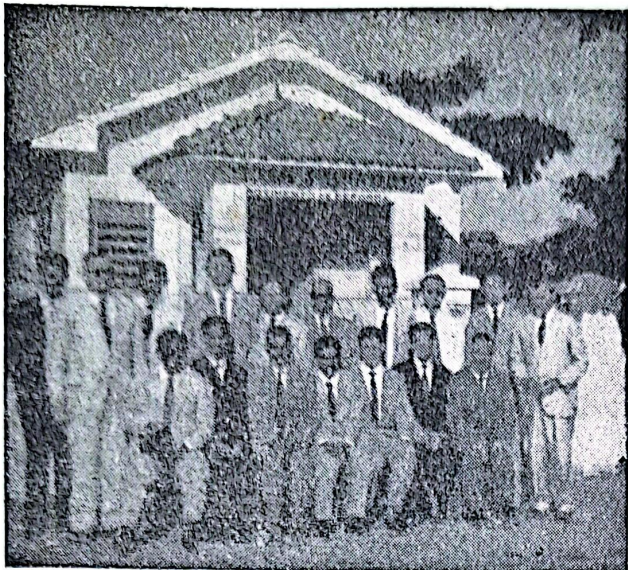
Ao debater a questão, os cientistas procuraram estabelecer, com a possível segurança, a influência dos alimentos super-aquecidos na eclosão das formações cancerosas. Afinal, ficou assentado, sem discrepância, que a ingestão de substâncias, cuja temperatura, no momento, é superior a 40 graus centígrados, pode causar severas injúrias à mucosa e camadas sub-jacentes do estômago. Sem dúvida, a ligeira queimadura ocasionada pela entrada naquele órgão, apenas uma vez, ou mesmo poucas vêzes, de alimentos muito quentes, nem sempre produzem o câncer. É, porém, noção já pacìficamente firmada, de que as irritações muito repetidas do estômago são causa eficiente de lesões cancerosas.

Das conclusões dessa conferência, podem, evidentemente, ser tiradas as recomendações preciosas e incisivas de evitar os alimentos excessivamente aquecidos, e de não ingeri-los com sofreguidão. Medidas de fácil execução, e cuja prática não envolve grande sacrifício, dependendo apenas da educação da vontade, representam elas um recurso valioso na defesa contra o terrível monstro. (SPES).

—————— / / ——————

CURSO DE COLPORTAGEM NA ASSOCIAÇÃO NORDESTE

Dorgival da Costa e Silva

Nos dias 17 a 21 de outubro de 1962, realizou-se na Associação Nordeste um Curso de Colportagem. Foi o primeiro a que assisti em minha vida.

Estavam presentes os irmãos Emmerich Kanyo e Samuel Monteiro, presidente e diretor de colportagem da União, respectivamente; o irmão Ozias Silva,

Colportores presentes ao curso

novo presidente da Associação Nordeste; e grande número de obreiros e colportores.

O curso foi iniciado dia 17, sob direção do irmão Samuel Monteiro, com o cantar do hino 251, leitura de Is 6: 1-5 e oração.

Na reunião inicial falaram os irmãos Samuel Monteiro, João Tavares e Ozias Silva, dirigindo aos presentes palavras de ânimo e regozijo, baseadas na Bíblia e nos Testemunhos.

Nessa reunião o tema principal foi a história e progresso da obra de colportagem, iniciada em 1881 pelo colportor George King.

Aos presentes foram distribuídos hinários contendo hinos seletos para os colportores e o panfleto "A Arte de Colportar".

Nos dias 18 e 19 foram abordados vários pontos de grande importância para o colportor. Na parte teórica tivemos: estudos sôbre o valor da colportagem sob o ponto de vista espiritual; instruções sôbre os requisitos indispensáveis a uma pessoa que trata com o público, tais como: fidelidade, sinceridade, prudência, cortesia, tato, etc.; instruções sôbre organização, economia, etc. Aprendemos que a perseverança, a iniciativa e o entusiasmo são fatores importantes para aquêles que se empenham na obra de colportagem.

O ponto intitulado "Pré-aproximação" foi interessantíssimo. Na "Apresentação", aprendemos como despertar e manter a atenção, a confiança, o interêsse e o desejo de comprar. Essas instruções deixaram muito entusiasmados os colportores.

Na parte prática tivemos instruções sôbre como manejar o prospecto, como fazer ofertas, como desfazer preconceitos e objeções, como fazer entregas, como chegar às casas de família, aos escritórios, etc.

À tarde fomos dispensados, tendo em vista a preparação para o Santo Sábado.

O programa no Santo dia do Senhor (dia 20) foi animadíssimo: todos os colportores assistiram à Escola Sabatina, bem como ao sermão bíblico apresentado pelo irmão Emmerich Kanyo.

À tarde foram realizadas diversas reuniões: ações de graças, hora de perguntas, hora de experiências.

As experiências contadas, muito animadoras e edificantes, contribuíram para animar os veteranos e encorajar os novatos que pretendem entrar na luta pela conquista de almas.

Após conclusão do sábado, dirigida pelo irmão Pedro T. Santana, continuamos a apresentação de experiências até às 19 horas.

Dia 21, último dia do curso, tivemos mais algumas aulas práticas, dirigidas pelo irmão Samuel Monteiro.

À tarde foram recapituladas tôdas as instruções do curso. Foram-nos feitas várias advertências quanto aos relatórios, que devem ser apresentados regularmente.

Procedeu-se à distribuição de campos para os colportores, e o curso foi concluído com um hino e oração do irmão Samuel Monteiro.

Saímos revigorados, esperançosos e cheios de entusiasmo pelo trabalho do Senhor.

Antes de despedir-se, o irmão Samuel Monteiro falou-nos da maneira maravilhosa como Deus tem despertado almas sinceras para o conhecimento da Verdade no Norte e no Nordeste da União Brasileira.

Queira o Senhor abençoar a obra da colportagem para que sejam trazidas ao redil do Bom Pastor as almas que completarão o número dos cento e quarenta e quatro mil. Amém.

— / / —

A POSIÇÃO DO MOVIMENTO DE REFORMA DENTRO DA SÉTIMA IGREJA

Esteban S. Heilbrunn

Diz a Igreja Adventista, grande, que o Movimento de Reforma é uma oitava igreja, para cuja existência não há base bíblica.

Nunca ensinamos que haja mais do que sete igrejas mencionadas na Bíblia (Ap 1:4, 11), nem pretendemos que o Movimento de Reforma seja uma oitava igreja. Professamos, sim, estar dentro da sétima (as sete igrejas de Apocalipse são sete períodos), como tição arrebatado do fogo (Zc 3:2; Jd 23; Am 4:11) e como portador da mensagem de reforma (Ap 3:18-20; Is 58:1) para os laodicenses mornos.

Deus quer ter Seu trono no coração do Seu povo. Isso é o que tem valor para Êle. Organização eclesiástica, instituições, edifícios, etc., só têm importância para Êle quando o povo relacionado com essas coisas materiais, exteriores, visíveis, cumpre Sua Lei, tendo o Senhor entronado no templo da alma, que é o coração humano.

Tendo os judeus, outrora, colocado tôda a importância ao redor das formas do culto (Jr 7:4) desprovido da sua essência — o amor a Deus, a obediência à Sua Lei e a aceitação do Seu Filho Unigênito — a casa dêles acabou ficando-lhes deserta (Mt 23:38). Tinham a forma da piedade, mas não a sua eficácia (II Tm 3:5). Semelhantes a êles são os laodicenses mornos de hoje, a quem a irmã White se refere com as palavras de Paulo em II Tm 3:1-5. (Ver PJ:411). E, segundo as Escrituras (II Tm 3:5) e o Espírito de Profecia (SC:41), os que querem, como cristãos verdadeiros, confessar a Cristo, devem separar-se dessa classe.

O que importa não é a simples profissão, mas, sim, a presença do Espírito Santo no templo do coração, sem o que tudo o mais é inútil. É isso que aos laodicenses mornos falta compreender. Seu engano é claramente exposto pela Testemunha Fiel e Verdadeira:

"Como dizes, Rico sou, estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, miserável, pobre, cego e nu". Ap 3:17.

O que os laodicenses mornos se gabam de possuir não resolve o problema, uma vez que não possuem o essencial, donde seu estado deplorável, diagnosticado pela Testemunha.

O que importa é a presença de Cristo, que só vem fazer morada com os que guardam todos os mandamentos de Deus e têm o testemunho de Jesus (Ap 12:17), que é o Espírito de Profecia. Êsses não são desgraçados, miseráveis, pobres, cegos, nus, pois Cristo está com êles, mediante o Espírito Santo (Jo 14:15-23).

A Igreja Adventista, grande, que pretende ser única e insubstituível, e que lança contra o Movimento de Reforma tôda sorte de acusações infundadas, não se enquadra mais nas especificações da Bíblia e do Espírito de Profecia, relativas à igreja remanescente. Basta considerarmos:

1. A posição errada que ela toma, desde 1914, para com a Lei dos Dez Mandamentos, mediante a participação oficial na guerra, que é incompatível com a obediência à Lei de Deus (1T:361);

2. A posição errada que ela toma para com o sétimo mandamento da Lei de Deus, tolerando o divórcio e novo casamento tanto para a parte inocente como para a parte culpada (Manual da Igreja, pgs. 241, 242).

3. A posição errada que ela toma para com o Espírito de Profecia, (a) dando liberdade para os membros aceitarem ou rejeitarem os Testemunhos, (b) afirmando que nenhuma verdade doutrinária veio ao povo adventista através da irmã White, e (c) negando que os escritos da profetisa sejam a fonte das exposições doutrinárias dos adventistas (The Ministry de fevereiro de 1957 e Questions on Doctrine, pgs 90, 93, 96);

4. A posição errada que ela toma, de há poucos anos, com respeito à doutrina do Santuário Celestial, onde Jesus está fazendo expiação por nós, conforme ensinavam os pioneiros, inclusive a irmã White, desde o início da Terceira Mensagem.

Para acharem graça aos olhos dos protestantes, nas pessoas de Martin e Barnhouse, os modernos dirigentes de Takoma Park, USA, declararam concordar com êles na idéia de que Cristo teria consumado a expiação na cruz, e que Êle teria feito no Calvário uma expiação final, não havendo outra fase de expiação no santuário celestial.

Enquanto sustentam essas declarações, não podem receber os benefícios da expiação que Cristo está agora fazendo pelo Seu povo no Lugar Santíssimo, pois, pelas suas declarações, virtualmente negaram essa expiação. Diz o Espírito de Profecia:

"Os que, pela fé, seguem a Jesus na grande obra da expiação, recebem os benefícios de Sua mediação em seu favor; enquanto os que rejeitam a luz apresentada neste ministério não são por ela beneficiados". C:430.

Ao passo que a casa dêles ficou deserta (3TSM:254; 2TSM:64), nós, pela fé, acompanhamos a Cristo, Nosso Sumo Sacerdote, ao Lugar Santíssimo, onde êle está, na presença de Deus, "para efetuar a última obra de mediação e para, no final da mesma, receber o Seu reino" (C:427).

Nós, componentes do Movimento de Reforma, abrigamos no templo do coração tôdas as Verdades da Tríplice Mensagem Angélica, e ocupamos a posição dos que, dentro do sétimo período, têm uma mensagem (Ap 3:18-20) para os laodicenses mornos:

"Nosso Redentor envia Seus mensageiros a levarem um testemunho ao Seu povo. Êle diz: 'Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com êle cearei, e êle comigo'. Ap 3:20. Mas muitos recusam recebê-lO. O Espírito Santo espera para abrandar e submeter o coração; êles, porém, não querem abrir a porta e deixar o Salvador entrar, por temor de que Êle lhes exija alguma coisa. E assim Jesus de Nazaré passa. Anseia conceder-lhes as ricas bênçãos de Sua graça, mas recusam aceitá-las. Que terrível coisa é excluir a Cristo de Seu próprio templo! Que prejuízo para a igreja!" 2TSM:500.

"Que atitude tomarão êstes para com a mensagem da Testemunha Verdadeira aos laodicenses? Não pode haver engano aqui. Esta mensagem deve ser levada pelos servos de Deus a uma igreja morna. Deve despertar o Seu povo de sua segurança e de seu perigoso engano com respeito à sua verdadeira condição perante Deus". 3T:259.

Com tôda a sua alardeada riqueza (Ap 3:17), a igreja é paupérrima por "excluir a Cristo de Seu próprio templo". No entanto, há esperança para os que aceitam a mensagem de reforma, com a qual Cristo, por meio dos "Seus mensageiros", bate à porta (Ap 3:20) do coração dos membros individuais da igreja. (Nota da Redação: Nosso irmão Heilbrunn veio há não muito tempo da Igreja Adventista, grande, para a Reforma).

——— / / ———

TEM CABIMENTO A ACUSAÇÃO DE "OITAVA IGREJA"?

Alfonsas Balbachas

Entre os argumentos que a Igreja Adventista ("classe numerosa") usa para acusar o Movimento de Reforma (grupo dos "ex-irmãos"), figura o que reza:

"Não há base bíblica para uma oitava igreja".

A afirmação de que, no Apocalipse, não há mais do que sete igrejas, é uma verdade que ninguém contestará. Mas se essa afirmação, em si mesma verídica, é usada em moldes de falsas suposições, os que a usam pecam contra a verdade, porque supõem falsamente, que:

1. O Movimento de Reforma pretenda ser uma oitava igreja, quando, na realidade, êste não pretende tal coisa nem admite tal idéia; ou que

2. O Movimento de Reforma, quer queira quer não, tenha que ser, forçosamente, uma oitava igreja, quando, na realidade, não é êsse o caso.

Ora, essas suposições são falsas, pelo que não podem servir de moldes àquela afirmação, a qual, sem os referidos moldes, perdem automàticamente a razão de ser usada.

Para ilustrar o que queremos dizer, suponhamos que um protestante, para acusar os adventistas, cite a passagem:

"Pela graça sois salvos, mediante a fé". Etc.

Isso nenhum adventista ignora ou nega. Se, porém, um protestante emprega essa passagem para acusar os adventistas, êle combina a verdade com a mentira, pois supõe, falsamente, que os adventistas queiram ser salvos pela lei ou por qualquer outro meio que não a graça.

Coisa semelhante acontece quando a "classe numerosa" de adventistas nominais usa, para acusar os "ex-irmãos", a afirmação de que **não há oitava igreja**, pois, acusando-nos assim, misturam a verdade com a mentira, porquanto supõem, falsamente, que pretendamos ser uma oitava igreja.

Todo adventista esclarecido sabe que as sete igrejas de Apocalipse simbolizam sete períodos e não sete organizações. Pelo menos, foi essa, desde o começo, a crença oficial dos adventistas do sétimo dia. De modo que não há coincidência, não há paralelismo,

entre os períodos e as organizações, quanto aos respectivos limites. E não precisamos ir longe para confirmar o que estamos dizendo. O período de Filadélfia (sexta igreja) começou em 1833 e foi até outubro de 1844, quando do início do juízo investigativo. Ora, o Movimento Adventista, como nova organização separada das igrejas protestantes, teve início entre a primavera e o verão de 1844, quando alguns adventistas sinceros e ousados foram excluídos das suas igrejas (2TS:203) e quando, logo em seguida, outros 50.000 adventistas se retiraram do protestantismo (C:376), acompanhando seus irmãos excluídos, os adventistas do primeiro dia.

Vemos, pois, que em 1833 houve mudança de período sem haver mudança de organização, e em 1844 (primavera — verão) houve mudança de organização sem haver mudança de período.

O período de Filadélfia terminou em outubro de 1844, quando começou o período de Laodicéia (sétima igreja), mas, então, como em 1833, houve mudança de período sem haver mudança de organização.

E, dentro do período de Laodicéia, em 1845-1846, houve mudança de organização sem haver mudança de período.

Alguns adventistas alcançaram convicções a respeito da purificação do Santuário celestial; outros, a respeito da vigência do mandamento do Sábado. E começaram a pregar a luz que acabaram de receber.

"Êsses pontos fundamentais começaram a apoderar-se do coração de homens em diferentes lugares durante os anos de 1845 e 1846...

"Isso deu lugar a que fôssem expulsos não sòmente das igrejas populares, mas (também) dentre os crentes adventistas que observavam o primeiro dia da semana...

"Quando Cristo e Seus seguidores foram por tôda parte expulsos, a necessidade exigiu que fundassem uma organização separada de crentes cristãos; e assim, quando as igrejas populares e os adventistas do primeiro dia expulsaram de seu meio os adventistas do sétimo dia, a necessidade os forçou a formar uma nova organização conhecida sob a denominação de adventistas do sétimo dia...

"A denominação adventista do sétimo dia tem tido um desenvolvimento fenomenal. Seu começo foi pequeno, um simples punhado de homens e mulheres sinceros, menos de uma dúzia de crentes que se associaram, a princípio, numa irmandade cristã. Foi isto em 1845". — Do folheto **Quando, Por Que Como Tiveram Comêço os Adventistas do Sétimo Dia**, pgs. 5, 6,2 (publicado pela Casa Publicadora Brasileira).

Mas a mudança de organização que houve em 1845-1846 não é a única que deveria haver dentro do período de Laodicéia. A profecia prevê outra:

"Aproximando-se a tempestade, uma **classe numerosa** que tem professado fé na mensagem do terceiro anjo, mas que não tem sido santificada pela obediência à verdade, abandona sua posição, passando para as fileiras do adversário. Unindo-se ao mundo e participando de seu espírito, chegaram a ver as coisas quase sob a mesma luz; e, em vindo a prova, estão prontos a escolher o lado fácil, popular... Tornam-se os piores inimigos de seus **ex-irmãos**" GC:608; C:608.

Se o surgir do grupo dos "ex-irmãos", componentes do "movimento simbolizado pelo anjo de Apocalipse 18 (C:604), em separado da "classe numerosa", ocorre, de acôrdo com a profecia, antes de terminar o sétimo período, o que pretendem provar com o seu argumento os adeptos da "classe numerosa"? Nessa questão não há oitava igreja. Se, pois, os laodicenses da "classe numerosa" querem contender, contendam, não com os "ex-irmãos", mas com o Espírito de Profecia, que previu o surgir do Movimento de Reforma (TM:514, 515; VE:175, 176, 6T:400, 401; C:608; 2TSM:31; etc., etc., etc.), o qual veio à existência em perfeita harmonia com as predições.

(*Continuação da pág.* 14)

De outros campos, em outras partes do mundo, como a América Central e do Sul, também recebemos relatórios animadores. Nossos irmãos avançam na frente da batalha, atingindo sempre novos territórios e ganhando sempre novas almas para o reino de Deus.

Nas vossas orações, não vos esqueçais dos obreiros e soldados da vanguarda, os fiéis colportores-evangelistas, espalhados pelo mundo!

Todos os irmãos com quem tive contacto na minha viagem, bem como os irmãos da nossa sede aqui em Sacramento, EE UU, enviam saudações fraternais a todos.

— / / —